

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

**Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



O Padre Secchi

## EXPEDIENTE

Lembramos aos nossos dignos assignantes que a assignatura do **PROGRESSO CATHOLICO** é paga adiantadamente, para podermos custear as despesas que fazemos. Pedimos, pois, a todos os que não gostam de receber saques pelo correio, a fineza de nos mandarem satisfazer por todo o mez corrente. Depois d'essa data faremos saques geraes, e só evitam de os receber os que até ahí tiverem pago.

Os brindes annunciados podem ser requisitados.

Pedimos aos mesmos snrs. que, quando tenham de nos escrever, nos declarem o numero que tem na cinta do jornal, para mais facil expediente.

## O nosso artigo politico

Continua tudo no mesmo estado, senão cada vez peor. Formou-se novo ministerio, ou, para melhor fallar, refundiu-se o que ahí vegetava, mas como as coisas não são o que os homens querem, mas o que Deus determina que sejam, veja-se a que estado chegou o paiz, e como podem surgir graves complicações.

Quando teremos nós um ministerio nacionalista, que se dedique d'alma e coração ao bem do paiz, pondo de parte as tricas politicas e as machinações dos corrilhos? Só Deus o sabe. Pois só então é que o paiz, livre das engrenagens rotativas, poderá erguer a cabeça, caminhando desafogadamente na senda da liberdade e do progresso.

A. P. A.

## CONTROVERSIAS

## Jesuitas e Liberaes

## X

## Os crimes dos Jesuitas

Os chamados liberaes julgam-se isemptos da possibilidade de commetterem crimes. Julgam-se immaculados e dotados de dem da impecabilidade.

E por que? Por que são liberaes! Se não o fossem, já não teriam essas virtudes.

Entendem, porem, ou espalham por toda a parte, que os Jesuitas são capazes de commetterem e que na realidade commettem todos os crimes.

E por que? Por que são Jesuitas! Se não o fossem, já seriam homens virtuosos e tão bons, como os liberaes se julgam ou querem fazer acreditar, que o são.

\*

Ora, se os Jesuitas, pelo facto de o serem, podem e devem ser tidos como criminosos, ou os nossos governantes são tão criminosos, como elles; ou são de uma tolerancia proverbial e que chega quasi a tocar as raias da insensatez.

E o mesmo se poderia dizer do Marquez de Pombal, e de todos os governantes, que o tem elogiado e lhe tem seguido os passos e elogiado o procedimento.

Quando um individuo ou uma associação qualquer tem committido crimes, deve soffrer os castigos, que as leis indicam e em conformidade com os mesmos crimes.

Os nossos governantes, alguns jornalistas e não poucos individuos, apontam os Jesuitas, como criminosos. Que deveria, pois, fazer n'um paiz civilisado o governo, que fosse respeitador das leis e que desejasse dar bons exemplos?

Deveria mandar prender esses criminosos, entregal-os ao poder judicial e em publica audiencia, deveriam os reus ser julgados, tendo um magistrado para os accusar e um advogado, para defendel-os.

Expulsar do paiz, uns criminosos, como os Jesuitas, ou retel-os em prisões; confiscar-lhes os bens e sem mais forma de processo, descartar-se de taes individuos, é, por certo, ou muita bondade ou grande despotismo.

E' muita bondade, por que aos réus não se dão maiores castigos, do que mandal-os passear, muito embora seja para um paiz estrangeiro.

E' grande despotismo, por que não póde estar preso qualquer cidadão, sem culpa formada e depois de passar um certo numero de dias, que as leis permitem para os casos de policia preventiva ou para averiguações.

O Marquez de Pombal contentou-se em expulsar uns Jesuitas e em ter outros presos por quasi dezoito annos.

Era tão bondoso, que não quiz, que elles passassem pela vergonha de publicamente confessarem seus crimes ou que estes fossem provados n'um publico tribunal.

Mas quem bem estudar e conhecer a historia, facilmente reconhecerá, que taes crimes nunca existiram e que as accusações feitas aos Jesuitas não passavam, como ainda agora de indecentes calumnias.

O unico Jesuita, que foi julgado com alguma apparencia de processo, foi o Padre Gabriel Malagrida, que foi morto pela Inquisição sob a pretexto de ter conspirado com o Duque de Aveiro e com outros titulares, contra a vida de D. José I. Nada se provou contra o supposto reu, assim como nunca se provou, que houvesse existido tal conspiração.

Não falta, porém, quem, para desculpar o procedimento do Marquez de Pombal, diga, que elle tivera grandes motivos, para mandar matar o Padre Malagrida por que este havia dado na cummunhão uma hostia envenenada a uma filha d'aquelle ministro.

Este facto é completamente falso e até inverosimil Funda-se n'uma lenda ou antes n'um romance, escripto por um auctor allemão, cujo nome não é muito conhecido.

Esse romance intitula-se *O Marquez de Pombal*. Não é de grande tamanho nem muito volumoso.

D'elle se fizeram diversas traducções e cremos que a traducção portugueza, que ainda pode encontrar-se, foi feita immediatamente do francez e não da lingua allemã.

Um dos capitulos d'esse romance trata especialmente d'esse facto.

Mas quem era essa filha do Marquez de Pombal, envenenada pelo Padre Malagrida? Nenhuma, de certo.

O Marquez foi casado duas vezes. Da primeira esposa, que foi D. Thereza de Noronha, não teve filhos.

Da segunda esposa, que foi D. Leonor Ernestina Eva (dama de honor da esposa de D. João V e da e pca de D. José I), teve dois filhos e tres filhas.

As filhas eram: D. Thereza Violante, que, pelo seu casamento foi condessa de Sampaio; D. Maria Francisca, que casou com D. Christovam Manuel de Vilhena; e D. Maria Amalia, que fo casada com o conde de Rio Maior.

Todas morreram depois do pae e, por tanto, muito depois do supplicio do jesuita Malagrida.

O Marquez de Pombal teve alguma filha natural na constancia ou fóra da constancia do matrimonio?

Não consta! E qual seria o nome d'ella ou da mãe d'essa supposta envenenada?

Como este facto, são muitos outros e são quasi todos os crimes, attribuidos aos jesuitas.

Não admiramos. Ha pouco ainda, ouvimos nós affirmar, que a tal filha do Marquez de Pombal o era da Marqueza de Távora!!!

Ora, quando a Marqueza de Távora foi para a India, já não estava na idade de ser mãe, posto que ainda fosse bella, muito energica e digna de ser elogiada por alguns poetas.

N'essa epoca o Marquez de Pombal não tinha entrada nas casas das familias aristocraticas. Até a'i quasi ninguem o conhecia, ninguem lhe ligava importancia.

Quando os Marquezes de Távora voltaram da India, reinava D. José I. A Marqueza já não estava no caso de admitir os requestos de ninguem e nunc admittiria, senão os d'aquelle, que escolhera para esposo. E ella, como toda a nobreza, nunca sympathisára com Sebastião José de Carvalho e Mello.

Mas não falta, quem, em pontos de historia e para os seus fins parciais, taes erros commetta, quando falla ou escreve, que poderiam causar espanto, se não soubessemos, que a paixão e a ignorancia podem mais do que a verdade e do que as virtudes, que sempre deve ter quem narra os factos, e que a principal d'ellas deve ser a imparcialidade.

UM CATHOLICO.

## ESTUDOS

## O Santo Sudario de Turim

## IV

Como já vimos, o Santo Sudario de Turim é um finissimo lençol de linho, tendo 4<sup>m</sup>,1 de comprido e 1<sup>m</sup>,4 de largura; além d'isso, mostra-se amarellado pelo tempo, gasto e rasgado em diversos sitios, e meio queimado n'um incendio, apresentando umas silhuetas vagas e estranhas.

Estas silhuetas representam duas imagens collocadas de modo que a linha de projecção das duas cabeças é continua. Uma d'essas imagens simula a face anterior do cor-

po d'um homem, e a outra, a face posterior do mesmo corpo.

Parece, pois, que o corpo deve ter sido estendido sobre uma porção do lençol, e que este, rebatido ao nível da cabeça, viria seguidamente cobrir o corpo até aos pés, de modo que na primeira porção ter-se-hia podido gravar a face dorsal do corpo, e na porção reflectida a face ventral.

Assim, desdobrado e estendido completamente, o Sudario mostra as duas imagens collocadas topo a topo.

Todavia, se a crença piedosa dos christãos lhe ligava um inestimavel apreço, apezar de a Igreja sempre rigorosissima nas suas decisões nunca se ter pronunciado sobre a sua authenticidade, o Santo Sudario não tinha a celebridade que actualmente com a sua demonstração scientifica adquiriu.

Quando, pois, se pensou em photographal-o, por occasião da Exposição de Arte Sagrada em Turim, foi simplesmente a titulo de curiosidade e não com a minima suspeita de qua isso seria o motivo da mais extraordinaria revelação scientifica.

Foi por consentimento do soberano italiano que um seu subdito, o advogado Secondo Pia procedeu á sua photographia.

Para mais comprehensão do que vae seguir-se, vamos dar desde já umas noções elementarissimas da arte photographica.

Ao revelar-se uma photographia, a imagem que se obtém sobre a placa de vidro chama-se um *negativo*: as partes brancas ou claras do objecto photographado apparecem em negro sobre a placa, e as partes negras apparecem em branco.

Collocando-se em seguida sobre esta placa uma folha de papel sensivel á influencia da luz, as partes negras da placa, fazendo obstaculo á passagem dos raios luminosos, conservam brancas as partes correspondentes do papel. As porções brancas da placa, pelo contrario, deixar-se-hão atravessar pela luz, e o sol enegrece os sitios correspondentes do mesmo papel. Este desenho, assim obtido, é o inverso da placa e chama-se um *positivo*; reproduz d'uma maneira exacta o objecto photographado.

Segundo estes principios, tão bem conhecidos e comprehendidos, esperava-se que a photographia dos vestigios um pouco apagados do estofado de Turim reproduzisse o panno em negro, e as manchas e vestigios em branco, e que conservasse n'esta reproducção o não sei quê de impreciso e de nebuloso que caracteriza o original.

Ora, os jornalistas presentes á revelação d'esta photographia contavam no dia seguinte nos seus jornaes:

«A' medida que a prova se revelava, viu-se apparecer alguma cousa de inesperado. Era o desenho perfeito e completo da Santa Face, as mãos e os membros que surgiam á luz como se, em vez de reproduzir o lençol em que tinham envolvido o corpo, se tivesse tirado directamente a imagem do corpo. O Sudario era, portanto, um *negativo* exacto do sangrento cadaver que n'elle haviam deposto.»

A photographia de 1898, que constituia um negativo do proprio negativo que o lençol apresentava, dando sobre o cliché um positivo, isto é, uma imagem perfeita d'um ser humano, foi um signal de alarme para a sciencia que procurou desde logo dar-lhe explicação.

Desde esse dia, a questão apresenta-se d'uma maneira totalmente nova, e as hypotheses até então admittidas devem ser postas de parte definitivamente.

A primeira explicação, que se apresentou e que foi por muito tempo admittida, era que esta imagem devia ser uma pintura.

Mas esta hypothese cahia por terra desde que se reconhecia que esta imagem era um negativo. Effectivamente,

o negativo não existe na natureza, e antes da invenção da photographia ninguem sabia o que isso era. Logo o Sudario não poderia ter sido pintado directamente, tal qual está, pela mão d'um artista, pintando sobretudo n'uma epocha em que se ignorava absolutamente o que era um negativo.

Mas, objectou-se, não poderia o Sudario ter sido uma pintura realmente executada em positivo que no andar dos tempos se tornasse um negativo?

M. Chopin, um adversario ferrenho do Santo Sudario tenta explicar o facto do modo seguinte. «A côr da carne poderia ter sido pintada, misturando-se o branco, que é em geral um oxydo de chumbo ou zinco, com o vermelho (sulfureto de mercurio) óchres ou terras naturaes coradas; as sombras poderiam ter sido feitas com negro, os mesmos óchres ou terras naturaes coradas ou mesmo bitume.»

Ora os claros poderiam ter sido sulfurados pelos vermelhos, formando-se um sulfureto de chumbo que é negro, tal como se vê nas pinturas antigas. No caso do Sudario o fogo, que o attingiu por occasião do incendio do castello de Chambery, poderia ter descascado as terras naturaes por effeito do calor e queimado ou evaporado o bitume.

N'este caso, como teria ficado o Sudario? Sob o aspecto d'uma pintura em que os claros e todas as partes mais ou menos misturadas com o branco teriam ennegrecido proporcionalmente, e, demais a mais, com porções mais ou menos desnudadas.

Ora não é possivel que esta transformação se effectuasse. Em primeiro lugar, o Sudario, constituido por um fino tecido, que foi frequentemente dobrado em todos os sentidos, não poderia ter conservado a pintura.

Em seguida, dado que os brancos tivessem sido sulfurados, o Sudario conservaria uma coloração livida, a unica que o sulfureto de chumbo imprime ás substancias a que se junta. Seria então uma pintura alourada e nunca ennegrecida, isto é, uma aguarella modelada em tons acastanhados e avermelhados como effectivamente é.

De resto, se analysarmos detidamente a imagem do Sudario convencer-nos-hemos afinal de que elle não tem caracter algum de pintura. E' uma mascara sem orelhas, nem pescoço, nem hombros; deformadas as coxas, as barriças das pernas e os tornozellos; poderia ser isto a concepção d'um pintor? Nada, aqui, faz recordar os processos ou a technica da pintura.

Mas, objectou-se de novo, se a impressão não é o resultado d'um trabalho de pintor provém forçosamente do contacto d'um corpo.

Então não se poderá suppor que um falsario, untando um cadaver d'uma materia corante qualquer, tivesse obtido esta impressão sobre o lençol em que o embrulhasse?

M. Paulo Vignon, doutor em sciencias, aggregado á Faculdade das Sciencias da Universidade de Paris, que se entregara profundamente ao estudo do Santo Sudario de Turim, publicando ha alguns mezes a sua notabilissima monographia «Le Linceul du Christ», procurou pôr em pratica este processo. Fez para isso reproduzir a impressão da sua propria cabeça, collocando-se nas condições exactas indicadas pela imagem. Mas chegou a um resultado tão informe, a uma impressão tão incongruente e de tal modo desprovida de perspectiva, que se julgou auctorizado a affirmar peremptoriamente que nunca o simples contacto d'um corpo poderia estampar sobre o Sudario os vestigios cujo cliché photographico nos dá uma interpretação tão frisante de verdade.

Então se estas imagens não são a obra d'um pintor, nem o resultado d'um contacto directo feito pelo artificio d'um falsario, o que vêm a ser então?

No capitulo seguinte daremos as conclusões finais do

trabalho valiosissimo de M. Paulo Vignon, «Le Linceul du Christ».

(Continua)

P.

LITTERATURA

## Pensamentos

(da ATALA de Chateaubriand)

As virgens são flôres mysteriosas que brotam na solidade dos ermos.

\*

A avesinha, quando cresce, tem de procurar de per si o alimento que lhe dá vida, e quantas sementes amargas se lhe não deparam no deserto!

\*

Felizes os que morrem no berço, que para esses a vida é apenas um beijo, um sorriso de mãe.

\*

Felizes dos que não viram nunca o fumo de estrangeiras cabanas, dos que não assistiram nunca senão aos festins de seus paes.

\*

O coração dos homens é como a esponja dos rios, que ora se embebe em ondas puras, se o tempo vae sereno, ora se intumece de aguas lodosas, quando a corrente vae turva.

\*

A religião não pôde exigir de nós um sacrificio sobrehumano: a verdade dos sentimentos, a temperança das virtudes que ella nos ensina, sobrepuja infinitamente aos sentimentos exaltados, ás forçadas virtudes de um heroismo simulado.

\*

Para apagar as nossas culpas aos olhos dos homens, são precisas torrentes de sangue; a Deus basta-lhe uma lagrima.

\*

Como é penoso morrer assim no alvôr dos annos com o coração a transbordar de vida!

\*

O habitante da cabana soffre por igual ao habitante do palacio, ambos suam a mesma agonia; as rainhas choram como as outras mulheres; muita gente se tem espantado da quantidade de lagrimas que pôdem conter os olhos d'um rei.

\*

Chorar o nosso amor é o mesmo que chorar um sonho.

\*

Não se pôde calcular a inconstancia dos desejos do coração do homem; mais facil seria contar as vagas do oceano revolvido pelas procellas.

\*

A mulher de cada vez que é mãe sente renovarem-se-lhe as dôres, e é a chorar que ella se casa.

\*

Ha sempre divergencia entre dois corações, e por mais pequena que seja basta essa divergencia para tornar insupportavel a vida.

P.

DE TUDO UM POUCO

Calendario:

Abril

1

1903

Faz 184 annos que el-rei D. João V fez doação real aos patriarchas de Lisboa (1719). Quando se instituiu a patriarchal, D. João V dividiu Lisboa em duas cidades distinctas, com dois senados da camara, e mais auctori-

dades respectivas, e em duas dioceses com prelados separados.

Uma denominava-se *Lisboa oriental*, e continuou a ser sêde de um arcebispo. A outra que se denominou *Lisboa occidental*, foi erigida em patriarchado. No fim, porém, d'alguns annos, foi extinto o arcebispado; e, reunidas as duas cidades, tornaram as coisas ao estado anterior, sob o governo ecclesiastico de um patriarcha.

Pensamentos:

Tanto pôde o amor, que povôa, quando feliz, com um sopro creador, o deserto, e torna, quando infeliz, erma a companhia, taciturna a mesma hilaridade. *Visconde de Juromenha*.

E' prognostico certo, confirmado pela experiencia, que virão a não ter que comer os que frequentarem o diabolico invento do jogo. *Padre Antonio Vieira*.

Assim como a discordia produziu a mentira, a impostura e os discursos ambiguos, e capciosos, tambem deu origem ao juramento tam funesto áquelles que o quebrantam. *Dr. Abranches*.

E' cousa facil ler, mas é difficil reflectir. *Channing*.

Quanto maior é o ajuntamento de homens, mais vão se tornam, e mais sentem nascer-lhes a cobiça de se distinguirem, e sobrelevarem uns aos outros com bagatellas. *Montesquieu*.

O luxo tudo corrompe; tanto o opulento que se deleita com elle, como o pobre que o cobiça. *J. J. Rousseau*.

E' a luz mais benigna que o sol, porque o sol não só alumia, mas abraza; a luz allumia e não offende. *Padre Antonio Vieira*.

Notas de sciencia:

Quem poderia imaginar que o mais humilde e andrajoso proletario traz constantemente comsigo o respeitavel capital de mais de treze contos de reis? Pois nada mais positivo.

Um chimico illustre entreteve-se a averiguar, pela analyse, a quantidade de calcio metallico que contém o corpo humano, tendo encontrado, em média, a totalidade de 4:650 a 4:700 grammas do citado precioso metal, que, apezar d'isso se lhe não pôde chamar raro, mesmo com o preço exorbitante que alcança no mercado, pois que existe no nosso solo, em immensas quantidades, formando os seus diversos compostos calcareos.

As grandes difficuldades que se apresentam para se obter o calcio metallico puro, extrahido dos diversos estados da cal, favorece o seu preço elevadissimo.

A casa Haen, do Hanover, vende hoje o calcio metallico puro a 31 francos a gramma, quando vende o ouro chimicamente puro sómente por cinco grammas. O valor do metal calcio, contido no nosso corpo será, pois de 54:450 a 52:700 francos, que ao cambio actual, representa a apreciavel somma de 13:702\$000 reis!

Que pena não podermos trocar o nosso calcio metallico, por ouro, ou ainda mesmo que fosse pelas sujas notas que nos fornece o Banco de Portugal!

Humorismos:

—Humor que tal é o teu marido?

—Tem o defeito de recolher depois da meia noite.

—Pois olha, o meu recolhe mais cedo; vem sempre entre as dez e as onze.

\*

N'uma sessão de prestidigitação e alta magia:

—Agora, meus senhores, aqui tem este armario—dizia o conferente ás pessoas que assistiam. —Peço a qualquer senhora a fineza de entrar n'elle, porque allianço que desapparecerá immediatamente.

Diversos maridos (ás suas mulheres):

—Vae tu, filhinha, vae tu. . .

\*

Entrára um dia certo medico n'um hospital, com passo grave e compassado.

—Quantos mortos temos nós esta manhã? perguntou ao enfermeiro.

—Nove, senhor.

—Mas eu fiz dez receitas, pois não fiz?

—Fez, sim senhor, mas um doente não quiz tomar o remedio.

Curiosidades historicas:

Os elephants eram muito estimados, na antiguidade; eram até utilizados nas batalhas. Alexandre Magno trouxe muitos da India. Os Ptolomeus e os Selencides serviram-se tambem d'elles, e a victoria da batalha d'Ipsos, foi devida em 301 aos elephants de Seleuco. Pyrrho levou-os para a Italia; assustaram os romanos em Heracléa, e puzeram em fuga desordenada a sua cavallaria, não tanto pelos seus gritos, como principalmente pelo seu cheiro.

Os Carthaginezes tinham sempre um grande numero de elephants, e Annibal levou 25 para a Italia, perdendo o ultimo quando atravessava as lagoas de Clusio. Os romanos já levavam elephants, quando declararam guerra a Filipe da Macedonia.

Estes animaes iam ordinariamente collocados na primeira linha. Cada um d'elles era dirigido por um *cornac* a cavallo, sobre o pescoço do animal, e ia carregado de archeiros ou de machinas de guerra. Elles tambem combatiam, arrancando as palissadas com a tromba, derrubando os homens e calcando os aos pés.

Algumas vezes protegiam-lhes as cabeças e o peito com chapas de ferro. Alguns chegaram até a trazer couças completas.

Todavia os elephants eram pouco temiveis para os soldados experimentados que sabiam atravessal-os com tiros de flechas, que lhes lançavam archotes acesos, ou os espantavam com o som dos instrumentos, voltando assim o seu furor, contra o exercito que os seguia. Foi por isso que os romanos pouco uso fizeram d'elles.

Hoje os elephants de guerra seriam inuteis em face das armas de fogo.

O elephante, mórmente o elephante branco é ainda hoje adorado no Indústão, especialmente pelos Siamezes e pelos Birmans. Creem elles que as almas dos reis e dos heroes passam a habitar os corpos dos elephants brancos, e consideram como um favor inapreciavel a posse d'esses animaes raros. Os naturalistas attribuem a sua cor a uma doença.

No seculo II, o rei Canuto IV da Dinamarca instituiu a ordem do elephante, em memoria da bravura d'um cavalleiro dinamarquez que matara um elephante na Palestina. Essa ordem foi renovada em 1452 por Christiano I, e submettida a estatutos em 1693, por Christiano V. Confere-se sómente aos monarchas, aos principes, aos grandes funcionarios do reino, e ás pessoas illustres do estrangeiro. Tem por divisa: *magni animi pretium*. E' tam estimada, que um embaixador da Dinamarca disse um dia altivamente: «O Elephante é a Jarreteira do rei, meu senhor.»

COLLABORAÇÃO

## Na Cruz

Fôra da cidade de David, no alto do Golgotha, pendia d'uma cruz o corpo d'um justicado.

Jesus havia sido condemnado á morte ignominiosa dos grandes criminosos pela turba-multa inconsciente e má.

Depois de lançar um olhar de suprema commiserção

sobre aquelle povo que no pretorio do governador romano ousara pedir o singue do Justo sobre as suas cabeças e as dos seus innocentes filhos, Elle volvia-os ao céu:— «Pae, diz, perdoa-lhes, porque rão sabem o que fazem.»

Um dos dois criminosos que lhe deram para companhia no supplicio, sentindo em sua alma, por entre a caliginosa treva que a cercava, os primeiros alvares da redempção, exclama:—«Senhor, lembra te de mim, lá no céu!» O meigo Jesus no meio das suas cruciantes dores perdoa-lhe:—«Hoje serás commigo no Paraiso.»

Espessas trevas envolvem então a terra. O sol apaga o seu brilho aurifulgente. A lua, a alampada nocturna do espaço, bruxoleia uma pallida luz sobre a cidade deida. Ao longe, muito ao longe, o mar de Galilea solta lugubres lamentos. Perto, murmura a torrente do Cedron, gorgolejando mansamente por sobre os seixaes.

Um relampago instantaneo e fugaz illumina d'uma livida luz a cumiada do Golgotha. Jesus, descahindo a loura cabeça sobre o seio, cerra as palpebras como que receando ver as personagens do sangrento drama. A seus pés estava a Mãe, a antiga peccadora de Magdala e o discipulo amado.

Jesus, abrindo os olhos, fita-os em Maria, e diz, apontando para João:— «Mãe, eis alli teu filho.» E depois volta-os ao discipulo:— «Eis alli tua mãe.»

Parece que estas palavras arrebataram todo o balsamo que suavizava as suas dôres ingentes, porque pouco depois exclamava com a voz entrecortada pelo desalento e agonia:— «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste!»

O céu emmudece ainda e Jesus brada agonisante:— «Tenho sêde!»

E as folhas sanguinosas do trevo de Israel ainda eram aljofradas pelo orvalho do céu. E o Jordão continuava a deslizar lentamente sem levar uma molecula de suas limpidas aguas a mitigar a sêde ao Justo. E, alli perto, o Cedron, murmurava docemente por sobre os seixaes...

Jesus bebe o fel e vinagre ensopado na esponja para que as Escripturas fossem cumpridas, e depois exclama com a energia d'um Deus:— «Pae, nas tuas mãos encomendo o meu espirito.»

Perdia-se nos echos da treva a vozeria da multidão pelas ruas de Salem. De vez em quando subiam aos ares os balidos dos cordeirinhos, que deviam ser immolados na proxima solemnidade da Paschoa.

Então no Calvário uma voz semi apagada debilmente expira:— «Tudo está consummado!...»

O maior dos crimes dos homens,—o deicidio—acabava de ter o seu desenlace final!

P.

## Stabat Mater dolorosa

Estava a Mãe dolorosa  
Junto á cruz em que, chorosa,  
Pender via o Filho seu:  
Na alma triste, angustiada,  
Gemente, de aguda espada  
Duro golpe recebeu.

Oh quão conturbada e afflicta  
Estava a Virgem bemdicta,  
A Mãe do Filho de Deus!  
Chorava, e de dôr tremia,  
Quando os soffrimentos via  
Do que é luz dos olhos seus,

Qual o homem que não chorara  
Se de Christo a Mãe olhara  
N'esse supplicio sem fim?  
Que peito se não partira  
Que a Mãe piedosa vira  
C'o Filho soffrendo assim?

Do povo pelos peccados  
Viu feridos, açoutados  
Os membros do seu Jesus;  
Viu seu Filho tão querido,  
Exangue, de dôr vencido,  
A vida exalar na cruz!

O' Mãe, de amor fonte pura,  
Fazei-me tanta amargura  
Sentir, comvosco chorar.  
Dae que meu peito se inflamme,  
E que a Christo Deus tanto ame,  
Que alfim lhe possa agradecer.

Mãe santa, os rogos ouvi-me:  
Do Crucifixo imprimi-me  
As chagas no coração;  
Do vosso Filho ferido,  
Que por mim tanto ha soffrido,  
Parti commigo a paixão.

Fazei que comvosco chore,  
Que os soffrimentos deplora  
De Christo em quanto viver.  
Comvosco unir me no pranto,  
Junto ao lenho sacrosanto,  
Meu desejo ha sempre ser.

Virgem das virgens preclara,  
Não sejaes commigo amara,  
Fazei me tambem chorar.  
Traga em mim de Christo a morte,  
Seja a paixão minha sorte,  
Sem das chagas me olvidar.

Sinta os cravos traspasar-me,  
A cruz divina saciar-me,  
D'esse Filho por amor.  
N'elle inflammado e incendiado,  
Por vós, Virgem, defendido  
Seja no dia de horror.

Pela cruz guardado seja,  
Sempre o nome me proteja  
E a graça do meu Jesus.  
Quando o corpo for da morte,  
Tenha a minha alma por sorte  
A gloria e perpetua luz.

A. MOREIRA BELLO.

## Phenomeno religioso!

De entre os factos que caracterisam os seres vivos nenhum como este seria inexplicavel se nós apenas considerassemos o homem em sua esphera de animalidade.

E, por outro lado, impossivel se nos tornaria logicamente não ceder ao impulso de reflexões de outra natureza, notando como se nota em nós um phenomeno tão

alheio ao positivismo de realidades palpaveis em que se passa a vida animal.

Todos os demais seres realisam plenamente a sua missão e não se observam na escala de suas proporções e em suas familias e grupos actos singulares de elevação mystica, reveladores de sentimentalidade religiosa.

Como explicar um semelhante facto dentro de limites acanhados e estreitos?

Porque motivo o homem sae assim do que vê e satisfaz os sentidos para um culto de sua consciencia a potencias invisiveis?

Dominando e vencendo certas difficuldades, furtando-se victoriosamente ao ataque de outros animaes, não lhe bastaria isto?

O phenomeno religioso é de manifestação recente, ou perde se na noite dos seculos?

A historia e os monumentos ahí estão a attestar a sua antiguidade, levando-nos ao animo a convicção inabalavel de que o primeiro homem recebeu-o com a geração.

Ora se o caso innegavel de sentimento religioso verificado no ser humano não encontra analogia e paridade entre as demais especies animaes, que podemos e até devemos concluir?

Que esse phenomeno deveras maravilhoso, distanciado de tal maneira o homem de todos os outros seres vivos que lhes cava de permeio um abysmo insuperavel, é um signal eloquente de sua superior origem e de seu immortal destino.

Eu não posso com effeito explicar uma coisa que não tem base, nem mesmo admitir por hypothese a simples concepção do que não existe.

Seria peor que absurdo; seria delirio de loucura!

Mas eu sinto-me preso a uma idea alheia á terra, curvo-me fervoroso no tribunal de meu proprio senso intimo, não me contenho com o culto ostentoso nem com provas de gratidão do mundo.

Logo, tem de ser um Nume não fabuloso mas excelso e divino em que é principio de verdade o fundamento do admiravel phenomeno registado pela consciencia das gerações humanas através das idades.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

## "O Correio Nacional,"

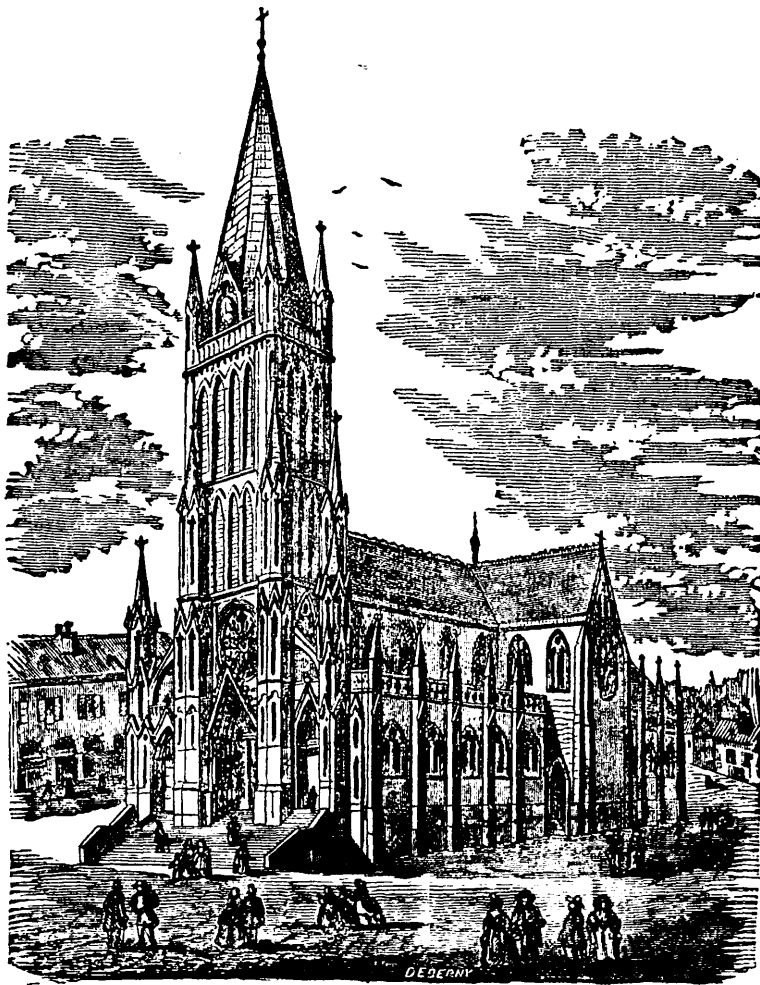
Felicitemos o nosso collega lisbonense pelos melhoramentos que acaba de introduzir no seu jornal. No seu numero de quinta-feira 12 de março appareceu com novas secções noticiosas com serviço especial telegraphico, e prometendo para breve um novo folhetim expressamente escripto para elle. E no seu numero de segunda feira 16 d'esse mez trouxe a primeira pagina litteraria e scientifica com artigos todos ineditos e expressamente escriptos para essa secção.

Novamente felicitamos o denodado campeão catholico, desejando-lhe as mais risonhas prosperidades.

## A questão do cabido lisbonense

Tem sido muito ventilada na imprensa uma questão suscitada pela leviandade do cabido da Sé Patriarchal por certos abusos commettidos pelos conegos, querendo á força usar, nas festividade, de ceremonias e paramentos que competem unica e exclusivamente aos bispos, o que lhes foi contestado, por decisão da Sagrada Congregação do Concilio.

Pois apesar d'isso, e da Constituição *Apostolicas Sedis*



Casa da Oração

de Pio IX que determina incursos na *excommunhão especial* reservada ao Summo Pontife todos quantos contumazmente se affastam da obediencia a elle devida, o snr. conego Senna Freitas, em vez de se submeter ás sabias decisões d'aquelle tribunal, d'onde não ha appellação, recorreu a el-rei, ... «para que dêsse á infeliz pendencia uma *solução condigna e favoravel!!!*»

Isto que fez pasmar a muita gente, não nos causou a minima admiração, porque ha mais de 30 annos, que conhecemos o rev. Senna Freitas, que sempre foi um verdadeiro revolucionario, um perfeito valdevinos, em todas as questões em que tem entrado, tanto aqui, como no Brazil, onde tambem já deu que fallar. E' pena que um escriptor distincto se deixe enterrar tão fundo no lodo da sua vaidade balofa, não temendo recorrer á propria impiedade!

AS NOSSAS GRAVURAS

### O Padre Secchi

Honra-se sobremodo o nosso jornal, illustrando as suas paginas com o retrato do illustre jesuita, Padre Angelo Secchi.

Digamos em duas palavras a sua biographia. Nascido em Reggio, na Toscana, aos 21 de junho de 1818, entrou na idade de quinze annos para a Companhia de Jesus.

Dedicando-se freneticamente ao estudo das sciencias naturaes, era dentro em pouco nomeado professor do collegio Romano. Ahi, tornou-se tão distincto pelos seus trabalhos mathematicos que lhe deram o logar de astronomo director do Observatorio em 1851.

N'este cargo revelou-se um portentoso homem de sciencias. As extensissimas memorias e boletins mensaes sahidos d'este observatorio fizeram convergir para elle os olhares de todos os sabios do mundo.

Em toda a parte era ouvido com respeito profundo o nome de tão illustre sabio. Todos os estabelecimentos scientificos cumulavam-no de distincões. Em 1855 já era membro correspondente da Academia de Sciencias de França, da Sociedade Real e da Sociedade Astronomica de Londres, das Academias de Sciencias de Turim, Napoles, Bolonha, etc.

Em 1857 construiu o barometro de balança, primeiro elemento do metereographo que pouco mais tarde na esposição universal de 1867 grangeava para o seu auctor uma popularidade universal.

D'entre todos os seus trabalhos, cerca de seiscentos,

os que mais o immortalisaram fôram sem duvida os que fez sobre o Sol.

N'esta obra descreve todas as suas grandiosas descobertas sobre as manchas, erupções e protuberancias solares, que estudára por occasião d'um eclipse. E' uma obra eminentemente scientifica, e a unica que estuda com mais elevada competencia a estrutura do astro do dia.

No ramo scientifico da propria philosophia natural mostrou exuberantemente as suas poderosas faculdades com o seu precioso livro—Unidade das forças phisicas—publicado em 1864. N'elle o seu autor mostra a maior competencia nos estudos da thermo-dynamica, a verdadeira chave do labyrintho das sciencias naturaes.

Pouco antes da sua morte, publicava o seu primacial trabalho—As estrellas—. N'esta sua magnifica obra desenvolve a theoria das nebulosas, e a composição chimica das estrellas sob o ponto de vista do espectro cospio, que era o seu instrumento favorito.

O Padre Secchi foi um sabio profundo, um trabalhador incansavel e principalmente um distinctissimo astronomo, cujas obras todas tratadas com vasta erudição firmaram-lhe um nome immorredouro.

A sciencia com verdadeiro sentimento ainda hoje chora a sua morte, succedida em Roma a 26 de fevereiro de 1880.

#### RETROSPECTO DA QUINZENA

### Interior

O Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo Primaz nomeou Vigario Geral de Villa-Real ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Monsenhor Jeronymo Teixeira de Figueiredo Amaral, proprietario do excellent collegio de Nossa Senhora do Rosario, e nosso presadissimo amigo, a quem de todo o coração felicitamos, por esta nomeação.

—*Ainda as festas do jubileu de Sua Santidade.*— Alem da academia litteraria, de que fallamos no outro numero, mencionamos mais duas academias litterario-musicas. A primeira realisou-se no dia 7 do corrente na Associação da Mocidade Catholica.

Presidiu o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Prelado. Abriu a sessão o Presidente da Associação, Ex.<sup>mo</sup> José de Souza Ribeiro, que fallou com verdadeira eloquencia, enthusiasmo e animação.

Pediu a todos que, pondo de parte a má imprensa, lessem apenas os jornaes catholicos, porque a má imprensa, longe de moralisar, desmoralisa. Discursaram tambem magistralmente os Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Duarte Gonçalves de Sá, Agostinho José dos Ramos Junior, Manoel Candido Loureiro Domingues, e o Rev.<sup>mo</sup> Dr. José Rodrigues Cosgaya. Recitaram poesias os Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Domingos Rodrigues Pinto, Antonio Alves da Silva, Angelo d'Almeida Lemos e Domingos Gonçalves de Sá Junior. No fim o nosso amado Prelado, ao encerrar a sessão tambem discursou admiravelmente. Foram todos muito applaudidos. A sala estava artisticamente engalanada, havendo grande concorrência de senhoras e cavalheiros, para quem a Ex.<sup>ma</sup> Direcção foi d'uma penhorante amabilidade. Nos intervallos houve deliciosa musica, executada por um *oitto*.

A segunda foi realisada pelo Centro Catholico de Operarios, no grande salão da Associação Catholica no dia 8. Presidiu tambem o nosso illustre Prelado, que quiz assim mostrar que se associava a todas as manifestações festivas promovidas n'esta cidade em honra do Chefe Supremo da Igreja Catholica, sendo secretariado pelas mesmas pessoas que o haviam feito na anterior academia. Fallaram diversos oradores, entre os quaes se notabilizou o illustre

Presidente do Centro, o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Manoel Fructuoso da Fonseca, nosso presado collega da *Palavra* pois que, com a facilidade e a fluencia da linguagem eloquente, que lhe é familiar, enlevou por completo a toda a numerosa assistencia que enchia litteralmente o vasto salão. Recitaram-se tambem poesias, e houve nos intervallos escolhidos trechos musicas por uma excellente orchestra composta d'amadores. Foram todos de justiça muito applaudidos.

E assim terminaram no Porto as festas commemorativas do jubileu papal de Sua Santidade.

—Tem-se trabalhado muito para conseguir a fusão das fabricas de moagem do paiz, o que vae constituir o monopolio do pão de trigo. Como não fosse já pouco o monopolio do tabaco, dos phosphoros, do petroleo, do vidro etc., etc. faltava agora o monopolio do trigo. No entanto os interessados estão contentissimos, e a prova é que as acções da Companhia Portuense de Moagens, que se cotavam a 39\$000 rs., subiram para 55\$000 rs.!

—Esteve de passagem n'esta cidade o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. João Paulino d'Azevedo Castro, venerando bispo de Macáo. Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> visitou o nosso amado prelado, e a officina de S. José; foi depois a Braga, onde se hospedou no paço archiepiscopal, e de Braga seguiu para Lisboa.

*Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa*—Reuniu a assemblea geral d'esta Veneravel Irmandade em 11 do mez findo. Deliberou approvar por 64 votos contra 39, e 55 contra 2 as duas propostas da mesa administrativa a *incorporação da Sociedade de Beneficencia Ecclesiastica Michaclense e encerramento da hospedaria no Hospicio do Clero*. Este ficará só para os irmãos duentes e invalidos.

—Falleceu em Espozende o Rev.<sup>mo</sup> Gonçalo Lourenço Cardoso, prior de Fão, e em Cette o Rev.<sup>mo</sup> Manoel Barbosa Leão que foi por muitos annos Conego da Collegiada de Cedofeita d'esta cidade. Aos nossos leitores pedimos uma prece por alma dos finados.

—Recebemos e agradecemos o *Dom Bosco e suas obras*, numero de propaganda extraordinario, publicado pelo *Boletim Saleziano*.

Entre varios assumptos, occupa-se das obras de Dom Bosco, entre as quaes avultam a Archiconfraria dos devotos de Maria Auxiliadora, as graças de Maria, sob esta invocação, e as missões no Brasil. Tem 48 paginas e 22 gravuras.

—*Campeão das Provincias*—Com o seu n.º de 18 do mez findo, começou este nosso presado collega a publicar duas paginas mensaes de trechos litterarios em prosa e verso. Vem dobrada em quatro, formando oito paginas em quarto a duas columnas.

Felicitamos o collega, pelos melhoramentos introduzidos no seu jornal, de forma que, sendo já um dos mais antigos, é hoje um dos melhores do paiz.

### Extrangeiro

—Tem estado em grande actividade a cratera de Vesuvio, tendo arrojado cinzas e globulos incandescentes, que estalavam no ar, formando um espectáculo imponente.

Noticiam do Mexico, que tambem no volcão de Colima houve uma violenta erupção. Veio acompanhada de chuva de cinzas, e surdos roncões subterraneos. Houve grande panico, mórmente em Taxpan, e em Ururapan, que ficou litteralmente coberta de cinzas, apezar de ficar a centenas de milhas de Colima.

—Ha grande miseria, em muitas provincias da Russia, por causa da perda total das colheitas. Tem morrido muito gado, por absoluta falta de cereaes. Os campones



zes emigram para as cidades a procurar trabalho, e as crianças entregam-se á mendicidade

—Por absoluta falta de espaço não descrevemos, como havíamos promettido as solennes festas feitas em Roma a Sua Santidade, por occasião do seu jubileu pontifical. Basta que se saiba que foram cumpridas todas as minudencias do programma que já publicamos, e que o Summo Pontífice esteve sempre de perfeita saúde, resistindo a tudo, apesar da sua avançada idade, como se estivesse no vigor da mocidade.

—Apezar de todos os boatos que teem corrido, espalhados adréde pelos inimigos do catholicismo, por imaginarem que, morto o Papa, morria a Igreja, Sua Santidade mostra-se em toda a pujança da saúde, tendo dito a alguns prelados, que o felicitaram, que esperava em Deus estar vivo em fins do proximo anno de 1904, para celebrar a 8 de Dezembro o quinquagesimo anno da promulgação do dogma da Immaculada Conceição.

#### A QUESTÃO SOCIAL

### Circulo Catholico d'Operarios do Porto

A direcção d'esta util e prestante aggremação, desejando obter um edificio proprio, com a precisa capacidade para n'ella se poderem reunir os milhares de socios já inscriptos n'essa associação, lembrou-se de nomear uma commissão para angariar os indispensaveis meios afim de conseguir esse desideratum. E essa commissão, tendo tomado a seu cargo tão importante missão, vae enviar circulares a diversos cavalheiros d'esta cidade para que, obtendo donativos que podem ser annuaes, mensaes ou por uma só vez, consiga obter edificio proprio, onde os socios possam adquirir instrucção moral, religiosa, musical e litteraria.

Basta ler a mencionada circular, para se avaliar da justiça que preside á sua pretensão. O Circulo Catholico de Braga, já obteve um edificio proprio, que, segundo vimos nos jornaes, lhe custou 6 contos de reis. Porque o não ha de obter tambem o Circulo Catholico do Porto?

A redacção do *Progresso Catholico* que tem tomado a peito a regeneração social do operariado, pugnando pela questão social, como ella deve ser, e que tanto é coadjuvada n'este ponto pelos Circulos Catholicos, approvados por Sua Santidade, para a morigeração dos operarios, não podia ficar indifferente, perante este appello, fundado na justiça e na razão, e é com todo o enthusiasmo que applaude essa iniciativa, pedindo a todos os seus assignantes que attendam esse pedido.

Eis a circular da commissão do Circulo Catholico de Operarios do Porto:

«Como é, certamente, do dominio de V. Ex.ª, fundou-se ha 5 annos, n'esta cidade, um *Circulo Catholico d'Operarios*, com o elevadissimo fim de proporecionar aos seus socios passatempos uteis e agradaveis, ministrarlhes instrucção moral, religiosa, musical e litteraria, por meio de conferencias, boas leituras e aulas, soccorrel-os, quando em necessidade e as circumstancias do *Circulo* o permittirem, e trabalhar, finalmente, pelo seu bem-estar economico e social. Outro fim, não menos elevado nem menos nobre, impelliu os seus fundadores a arrojarem-se a tão grandiosa empresa—reunir sob a bandeira protectora do *Circulo Catholico*, para que se não desviassem da senda sacratissima do bem, todos os operarios que já tinham a felicidade de a trilhar, e trazer ao caminho da virtude aquellos que, mal orientados e mal aconselhados, seguiam, infelizmente, caminho diverso.

Devido ao favor divino e á inexgotavel caridade de generosos benefeitores, esta obra, tão sympathica e grata ao coração das pessoas que não olham com desdenhosa indifferença a sorte do proletario, tem progredido a olhos vistos, contando-se actualmente por milhares os socios inscriptos n'esta benefica associação, de cuja utilidade fallam bem alto os beneficios dispensados a tantos socios perseguidos pela adversidade, e a muitos dos quaes foi arrancar ás garras do atheismo,

socialismo e anarchismo, em cujos utopicos ideaes jámais puderam encontrar a minima parcella de felicidade.

Em maior escala, porém, seria a sua benefica acção, se os seus meios, sempre tão escassos, relativamente ás avultadas despesas a que tem de provêr, mais largamente a auxiliassem na sua missão bemfazeja.

Tem o *Circulo* encargos pesadissimos, avultando o que diz respeito ao aluguer da casa, que, não obstante ser já assás deficiente para o grande numero de associados que esta Associação conta, importa, ainda assim, em 300\$000 reis annuaes!

Lembrou-se, por isso, a commissão abaixo assignada, no intuito de concorrer o mais possivel para o viver desafogado e prestadio d'esta utilissima associação operaria, de recorrer á generosidade de todos os corações bem formados, pedindo um donativo, mensal, annual, ou por uma só vez para a construcção d'um edificio proprio e adequado aos fins que o *Circulo* tem em vista.

Eis, pois, a razão por que, no desempenho da missão que nos impuzemos, vimos perante V. Ex.ª, consciões de que lhe será summamente agradavel proteger uma obra de tão comprovado alcance, sollicitar o seu obulo, por pequeno que seja, para a consecução do arrojado empreendimento a que, confiados na protecção divina e na generosidade dos benefeitores, mettemos hombros,—agradecendo desde já summamente penhorados, qualquer quantia com que V. Ex.ª se digne subscrever. A commissão, *Padre Antonio Barbosa Leão*, Abbade de Lustosa, *Dr. Antonio Joaquim Pereira*, *Padre Luiz Antonio Farinhote*, Abbade de S. Mamade d'Infesta, *Padre Benevenuto de Souza*, *Padre Francisco Moreira da Silva*, *Padre Joaquim Pereira da Rocha*, *Dr. José Alves Corrêa da Silva*, *Padre José dos Santos Barroso*, *Manuel Fructuoso da Fonseca*, *Joaquim da Silva Mello*, *Manuel Barbosa de Madsureira*, *Francisco da Rocha*, *Leonardo Pedro de Castro*, *Joaquim Maria da Costa Serra*, *João Domingues Martins*, *Leonardo Pedro de Castro*, filho, representante da Sociedade «Os Amigos de Santo Antonio»; *Davíd Nepomuceno Silva*, representante da Conferencia de S. Vicente de Paulo, do Circulo Catholico; *Joaquim Pinto*, representante do Grupo Dramatico Nove de Junho; *Antonio Ferreira Mendes*, representante da Associação de Classe dos Alfaiates; *Arthur Balças*, representante da Associação de Classe Auxiliadora dos Operarios Fabricantes de Calçado; *Antonio Ferreira Alves Pacheco*, *Candido José Monteiro*, *Domingos José Monteiro*, *José Antonio de Faria*, *Manuel da Costa Guilherme*, *Manoel Pinto d'Oliveira*, *Manuel Ribeiro*, *Thomaz Augusto de Souza*»

#### ESTUDOS

### A Imprensa

Affirma Suetonio, o conhecido historiador da antiguidade romana, que a publicação das *Acta*, até ahi feita irregularmente, se tornou quotidiana a partir da dictadura do imperador Julio Cesar. Outr'ora faziam-se dictaduras para desenvolver os jornaes; hoje tambem se fazem dictaduras... mas para perseguir a imprensa. Esta approximação de factos explica-se desde que se saiba que os jornaes primitivos não tratavam de politica, nem até, segundo nos parece, se tinha inventado esta palavra. Esta invenção podia ser classificada, mais acima, entre aquellas cujo auctor é desconhecido.

Julio Cesar, que inventou a cryptographia, foi tambem quem primeiro teve a intuição do poder da imprensa. Publicou-se ha tempos n'uma considerada revista scientifica italiana (1) um curioso estudo a este respeito. O auctor assegura que foi Julio Cesar quem, no tempo do seu primeiro consulado, inventou as *Acta diurna*. Esta asserção não é verdadeira, porque as *Acta* já se publicavam antes do advento do dictador; mas o que está averiguado é que foi Julio Cesar quem primeiro se lembrou de fazer das *Acta* um instrumento contra o Senado.

Julio Cesar, como se sabe, era o chefe do partido popular, e tinha ás suas ordens alguns agitadores como Cladices. A imprensa da epoca tambem lhe prestou bastantes serviços porque o celebre imperador teve artes de converter as folhas volantes em arma politica. Segundo o artigo da *Nuova Antologia*, as *Actas* differiam muito menos dos nossos jornaes do que geralmente

(1) *A Nuova Antologia*.

se imagina. Tinham até as mesmas rubricas: factos diversos, noticias politicas, echos, necrologia, calendario e festas religiosas, correio dos theatros, chronica judicial, noticias das provincias, textos das leis e resultado das eleições, e, finalmente, boletim do parlamento, isto é, do Senado. O estylo d'estas primeiras folhas periodico s'era pesado, massudo, cheio de locuções gregas. Os textos do tempo mencionam «reporters». Fundou-se bem depressa uma imprensa provincial e uma imprensa de especialidade, abundando principalmente as gazetas exclusivamente militares. No tempo em que se redigiu o codigo de Theodosio o jornalismo é já uma profissão; encontra-se designado n'esse codigo pelo seu exacto equivalente em latim: *diurnarius*.

Juvenal, um escriptor classico conhecido pelas suas virulentas satyras, falla d'uma dama romana que passava toda a manhã a lêr o jornal. Isto demonstra que o jornalismo tendo cada vez maior acceitação, conquistando até para seu publico as elegantes patricias da velha Roma. A publicação das *Acta*, a partir do tempo de Julio Cesar, tornou-se, como já dissemos, quotidiana; mas nem sempre manteve regularidade, havendo semanas em que a sua publicação esteve suspensa. Até á queda do imperio ha vestigios da publicação do primeiro jornal do mundo; a invasão dos barbaros, que assolaram a Europa, veiu suffocar quasi á nascença uma das mais brilhantes manifestações do progresso.

Finda aqui a historia classica do jornal, que alguns auctores, menos respeitadores de documentos antigos, irreverentemente classificam de historia mythologica. Com effeito alguns sabios não reconhecem, nem nas taboas dos pontifices nem nas *Acta diurna*, os caracteres indispensaveis para poderem ser consideradas como as precursôras dos jornaes modernos; acham apenas que essas tentativas são interessantes compilações, muito aproveitaveis como fontes historicas, mas muito discutiveis como origem do jornalismo.

Temos de dar um salto de muitos seculos para encontrar sequencia a estas tentativas. As primeiras gazetas mais ou menos completas só apparecem na Europa no seculo XVI, contemporaneas da descoberta de Guttenberg, que tão indeleveis traços imprimiu na historia da civilisação. Em varios paizes appareceram n'aquelle seculo aureo diversas gazetas; mas, para que tudo seja incerto na historia do jornalismo, ha certa difficuldade em descriminar com exactidão qual o paiz em que a primeira publicação periodica surgiu. Cinco idades italianas disputam a honra de terem servido de berço ao grande poeta mantuano; cinco nações reivindicam, com maior ou menor força de argumentos, a prioridade na appareição do primeiro jornal. Essas nações são: a Italia, a Inglaterra, a França, a Alemanha e a Hollanda. E todas estas nações apresentam documentos mais ou menos valiosos para basear as suas asserções, de forma que a tarefa do historiador se torna difficil se quizer fixar definitivamente a quem cabe a gloria de ter visto o primeiro jornal. Em breves linhas poremos o leitor ao corrente de todas essas pretenções.

Relativamente á Italia, parece certo que no seculo XVI começou a publicar-se em Veneza um periodico intitulado *Nottizie scripte* (Noticias escriptas), por iniciativa dos doges que constituíam o governo da republica do Adriatico. Ignora-se, ao certo, o anno em que esse periodico appareceu. E' sabido que desde a origem da republica veneziana se fazia a publicação d'umas pequenas folhas, *Foglietti* ou *Fogli d'avvisi*, a expensas do Senado. Essas folhas destinavam-se a esclarecer todas as negociações internacionaes relativas á republica nas suas relações diplomaticas com os paizes

estrangeiros. As *Foglietti*, não circulavam e sómente se permittia a certas pessoas mais salientes da politica tirarem copias, que eram guardadas com o maximo cuidado. Eram tão pouco conhecidas que a maior parte dos historiadores venezianos não fallam d'ellas; conti-nham talvez aquillo a que hoje se chama «segredos do estado» e por isso a sua leitura era interdicta á maior parte das pessoas. A sombria e desconfiada politica dos doges não permittia que se fizesse luz sobre os meandros tortuosos da sua administração.

Depois das *Foglietti* appareceram as *Nottizie scripte*, que existiam ainda no tempo da guerra com a Turquia. As *Nottizie* eram lidas nas praças publicas e os que quieram conserval-as compravam a relação manuscrita com uma moeda do tempo chamada *gazetta*, d'onde, segundo affirmam varios etymologistas, derivou o nome de «gazetas» dado ás publicações periodicas. Hatin, porém, nega este facto e nega até a existencia das proprias *Nottizie*. Depois de expôr estas opiniões, accrescenta: «Eis a tradicção e para desejar seria que ella fosse verdadeira. Não seria curioso, com effeito, que o jornal moderno, este campeão ardente e destemido, nascesse n'um paiz que fazia do silencio o dogma fundamental da sua politica? Como admittir que o governo absoluto e mysterioso de Veneza, o desconfiado e suspeito Conselho dos Dez, tentasse os primeiros ensaios d'estas pequenas folhas destinadas a ser as mais formidaveis machinas de guerra que jamais se inventaram contra a auctoridade dos governos?»

(Continua)

## Razão Philosophica

E

*Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Calazans, medico cirurgião pela escola medico cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.*

(Continuado de pag. 70)

Lição ainda reforçada pelo que se diz no Apocalypso: —«Eis ahi estou eu á porta e bato: Se alguém ouvir a «minha voz, e me abrir a porta, entrarei Eu em sua casa, e cearei com elle, e elle commigo.» (III, 20)—No bater, portanto está o toque divino da Graça; no abrir está a aptidão a receber a sua acção; aptidão que tem por base a profunda humilhação do homem pelo reconhecimento da sua responsabilidade no peccado original. Pelo que a alma viciosa, a que está debaixo do dominio das paixões, a que vive demasiadamente apegada ás cousas d'este mundo, e n'ellas exclusivamente, ou quasi exclusivamente, occupada, é esteril para a fé.

Finalmente esta maneira, se assim o quizerem, philosophica, de considerar a fé como uma concepção, é de certo modo auctorizada—*mutatis mutandis*—pelo que relativo á concupiscencia e ao peccado se lê na Epistola Catholica de S. Thiago, e é como segue:—«Mas cada um «é tentado pela sua propria concupiscencia, que o abstrae, «e allicia. Depois quando a concupiscencia concebeu, para «ella o peccado: e o peccado, quando tiver sido consummado, gera a morte.» (I, 14 e 15).

Assim por um discurso analogo se pode dizer: que a alma abstraída e alliciada pela Graça Divina concebe a fé, a qual consummada pelas obras (1) gera a vida.

Concebida a fé, a razão reflectindo sobre a crença, sem effeito, manifesta-se em pleno accordo com a mesma.

(1) Porque a fé sem obras é morta, como se afirma na mesma Epistola—II, 17 e 20.

E se em relação ao homem a fé catholica é a unica, que satisfaz a razão, que por isso não pode deixar de abraçar como verdadeira, sobre a constituição da sociedade a sua influencia não pode deixar de ser benefica.

Mostrar, portanto, aquelle accordo, patentear o reforço, que a historia fornece ao mesmo, e põe bem á vista o beneficio, que á sociedade deve advir pela sua christianisação, eis o fim do estudo e trabalho, que agora empreendi, e que, como digo no fim do prefacio do livro alludido, apresento não como theologo, do que não tenho nem mesmo qualquer habilitação: nem como sabio, porque estou muito longe de possuir em ramo algum de conhecimentos humanos, mesmo em gráo mediano, essa sabedoria, que se torna respeitavel, e que respeito: tão pouco como philosopho, porque nunca fiz um estudo regular, e muito menos profundo em philosophia; apenas li a correr alguma coisa, e que d'essa sciencia tinha relação com o meu trabalho: emfim nem ainda como litterato, porque escassos são os conhecimentos que possuo n'esta especialidade. Mas collocado entre, de um lado, as miserias e maldades dos homens, as quaes me compungiam, e me indignavam; e, do outro, a doutrina revelada (como o ensinam o catholicismo e as Escripturas, onde, como disse, somente o aprendi), que me confortava e me edificava, pensei, meditei e escrevi; e, submettendo como fiel minha razão inteiramente aos ensinamentos da fé, vou offerecer um pequeno contingente aos que combatem as phalanges da impiedade e do atheismo, que avançam denodadas e encarniçadas contra o baluarte d'essa fé, em que nasci, fui creado, e tenho vivido, graças á Misericordia Divina, e em que por mercê da mesma Misericordia espero morrer e salvar-me.

Certo que a verdade como objecto da fé não carece da defesa dos homens, que nada lhe podem acrescentar nem tirar; mas necessita ser defendida no coração humano, d'onde o demonio procura arrancal-a para escravisar os homens e pol os ao seu serviço.

Poderia eu dizer: a mim que tenho fé, e que por esta fé espero salvar-me, que me importa os outros? Mas de que me serviria uma tal fé? de nada, porque lhe faltava a caridade, que é o que lhe dá todo o merecimento (1);

(1) S. Paulo 1.ª Corinth. XIII

a caridade, que não permite, que nos seja indifferente, que os outros tenham ou não fé; a caridade, que não consente, que vejamos sem dôr, que ella seja arrancada do coração dos que a possuem.

De que servirá crêr em Deus sem o amar? O demonio tambem crê em Deus, e é por isso mesmo que é seu inimigo. E como se pode amar a Deus, e ser indifferente ás defeições d'esse amor, que de despresos e irreverencias passam a excessos, rebeliões, attentados?!... Ama seu pae o filho, que vê indifferente, que o tratam com despreso, injuriam e maltratam?

E que pae se pode comparar a Deus?

Conheço bem que estou muito longe de dispor dos recursos necessarios para satisfazer ao empenho, que me propuz; mas muito consegue quem confia em Deus; e eu sou devedor á Misericordia Divina de um bom quinhão de fé, que, se não é a de Abraham, que o levou á maior proeminencia entre os crentes, é pelo menos a de Zaqueo, que, pequeno e acanhado, foi por ella conduzido aonde pudesse ver a luz, que o illuminou, e ouvir palavras, que o chamaram á vida e felicidade eternas. Alem de que um simples soldado não é um general, nem sequer um official.

Não se pense, porém, que servindo me da razão julgo ter achado um systema de philosophia, em que se possa fundar a fé, que está bem firmada na infalibilidade da palavra divina, e não carece de mais nada. A philosophia é para os philosophos, e eu só pretendo mostrar, que a fé, que é para todos, não se combate com systemas philoso-

phicos, porque occupa logar muito superior á região, onde se agitam as duvidas e incertezas humanas; e bem assim que o nosso entendimento se acha tanto mais illuminado, quanto mais se eleva atravez das nevoas d'essa região para se approximar do grande foco, a cuja luz toda a duvida e incerteza não podem deixar de desaparecer. E' n'estas condições, que a razão, não fazendo luz, mas reflectindo a que sobre ella projecta esse foco de luz verdadeira, concorre para diffundir a verdade, que illumina e sanctifica os homens. E' assim que a philosophia, como o recommenda o Summo Pontifice Leão XIII, que ora governa gloriosamente a Igreja de Deus, pode contribuir poderosa e efficazmente para salvar a sociedade.

## Parte Primeira

### RAZÃO PHILOSOPHICA

#### CAPITULO PRIMEIRO

##### Origem do homem

A origem do homem é uma questão palpitante e de actualidade. Certa sciencia, afadiga se em a desentranhar da terra, tarefa inutil, que jamais lhe dará o resultado que deseja. A' minha razão apresenta-se nas alturas de accordo com a fé, como passo a mostrar.

Tres são as hypotheses, que no campo da philosophia, ou na esphera da razão, me parece offerecerem-se sobre este assumpto.

(Continúa).

—*Diccionario Apologetico da Fé Catholica*—D'esta magnifica obra, a sahir com a maxima regularidade, e com importantes notas do intelligente revisor, está em distribuição o 33.º fasciculo, cujos artigos são:

*Materialismo* (conclusão):—onde seu doutissimo auctor desarma e destróe, com argumentos solidamente scientificos, aquelles systema philosophico, em todos os seus reductos.

—*Matrimonio*:—defeza racional dos direitos exclusivos da Igreja na collação d'este Sacramento.

*Mâyã, Maria*:—solução, ou antes, desvanecimento da pueril identidade etymologica d'estes dois nomes.

*Merodach-Baladan*: conciliação d'uma apparente antilogia biblica, relativa a este personagem.

*Messias* (Idêas dos Judeus acerca do):—esplendido tratado, que só por si converteria os judeus de bôa-fé, que o lesseru attentamente.

*Messias* (Os falsos): traços historicos do apparecimento de muitos d'elles.

*Metempsychose*:—esboço da sua intimidade com parte do Espiritismo.

*Michêas* (Prophecias messianicas de):—sua brilhante explanação devida ao grande exegeta Lamy.

*Milagres*:—começo d'um eminente e amplissimo tratado, ácerca da sua natureza, verdadeira noção, possibilidade, conveniencia, força comprovativa, etc., etc., etc.

Continúa a assignatura aos fasciculos ou volumes, para os poucos exemplares que ainda restam.

Editor Antonio Dourado—Rua das Flores n.º 42, 1.º Porto.

## PROGRESSO CATHOLICO

Pede-se o n.º 2 d'este anno, trocando-se por qualquer livro que possam pedir.  
Agradecc-se desde já.

## LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

### FLORES A S. JOSÉ

MEDITAÇÕES PARA O SEU MEZ OU QUALQUER TEMPO DO ANNO

COM

*Exemplos apropriados, colloquios, etc.*

*Extrahidas das Sagradas Escripuras, Santos Padres,  
Doutores da Egreja  
e outros eminentes auctores e coordenadas por*

A. L. F.

OBRA APPROVADA E INDULGENCIADA

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Preço, enc. . . 200 reis

### O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

*Vertido d'um livro allemão por*

Carlos H. Pieper

REVISTO PELO DR. THEOLOGO DOMINGOS DE SOUZA MOREIRA FREIRE

Com approvação do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal D. Americo

3.<sup>a</sup> Edição—*Augmentada com o «Modo de ouvir missa pelos defunctos.»*

Preço, enc. . . 160 reis

*Padre Affonso Muzzarelli*

MEDITAÇÕES

PARA

### O MEZ DE MAIO

COM

PIEDOSOS E LINDOS COLLOQUIOS COM A SS. VIRGEM  
PARA TODOS OS DIAS

*E tocantes exemplos extrahidos das obras de  
Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores*

Com permissão do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal  
D. AMERICO, Bispo do Porto

QUINTA EDIÇÃO

Preço, enc. . . 160 reis

### BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

*Vertido da vigesima-segunda edição franceza*

POR

A. Peizoto do Amaral

1 vol., broch. . . 400 reis

### IMITAÇÃO DE CHRISTO

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada  
com notas por*

MONSENHOR MANUEL MARINHO

*Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.*

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preços :

Em percalina . . . . .	300 reis
Em carneira com folhas douradas. . . . .	500 »
Em chagrin, douradas . . . . .	1500 »

### HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPORVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.<sup>a</sup> O SNR.

*Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto*

*Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada*

1 vol., enc. . . . .	250 reis
Douradas . . . . .	500 »

### FLORES

AO

### SS. CORAÇÃO DE JESUS

*Meditações para o seu mês ou para qualquer  
tempo do anno  
com exemplos apropriados, praticas e jaculatorias*

COORDENADAS POR

ANTONIO LUIZ FALCÃO

E REVISTAS POR

*Monsenhor Manuel Marinho*

Approvado e indu'genciado pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.  
D. ANTONIO, Bispo do Porto

1 vol., enc., 300 réis

**Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.**

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,  
Industrial de Lisboa de 1888*

*e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portu guezas.